

---

## RESTAURAÇÃO DA COLEÇÃO DO PERIÓDICO “A IMPRENSA – 1921 E 1925”

Franciane Monara da Silva Soares

Graduanda em História (UFRN)

monara\_barbie@hotmail.com

### INTRODUÇÃO

Quando se fala em fontes históricas logo se pensa em vários tipos, como manuscritas e impressas, dentre elas destaca-se o jornal que é o alvo desse projeto.

Até a década de 70 ainda era reduzido, no Brasil, o número de trabalhos que utilizavam impressos como fontes históricas. Este fato pode ser explicado pela tradição, decorrente do século XIX e início do XX, de associar a busca de verdade aos fatos. Assim, o historiador deveria utilizar fontes dotadas de neutralidade, objetividade e, especialmente, distantes do seu tempo. É nesse ponto que os jornais não se enquadravam como fontes históricas, por serem considerados “enciclopédias do cotidiano”, apenas guardavam fragmentos do presente, informações estas certamente dotadas de interesses, além de captarem imagens parciais, destorcidas e subjetivas, segundo afirma Tania Regina de Luca em um artigo que escreve para o livro *Fontes Históricas*. Contudo, cabe um parêntese nesse ponto, tendo em vista a grande discussão que esta temática aborda, pois qualquer fonte, seja ela impressa ou manuscrita, estará imbuída de subjetividade e intencionalidade. Dessa forma, a autora em questão deixa claro a mudança pela qual passou o conceito de fonte.

Contudo hoje já se pode ver que os jornais assumem a categoria de uma fonte histórica de extrema relevância para a comunidade dos historiadores. São dos jornais que os acadêmicos, pesquisadores e graduandos retiram várias informações importantes. Para tanto é necessário que os periódicos estejam em bom estado de conservação, tarefa um tanto complicada de ser feita, tendo em vista a época do jornal, o suporte que ele utiliza e especialmente a forma como ele é armazenado e manuseado.

É válido ressaltar ainda que a mudança na concepção de fontes, no que se refere aos jornais, ocorreu através da renovação dos temas, problemáticas e procedimentos metodológicos na disciplina histórica, enfatizando a atuação da Escola dos Annales e da Escola Marxista.

A historiografia e sua prática inicia suas transformações em fins do século XX a partir da Escola dos Annales, que tem sua formação com Marc Bloch e Lucien Febvre, marcando, assim, sua primeira geração. Após a morte de Febvre, Fernand Braudel ganha um lugar de destaque, ocupando a direção dos Annales e trabalhando ao lado de nomes ilustres, como Ernest Labrousse e Emmanuel Le Roy Ladurie. Contudo, é a terceira geração dos Annales que mais interessa neste sentido. Composta por vários historiadores renomados como Jacques Le Goff e Georges Duby, a terceira geração foi responsável por deslocamentos que propunham novos objetos, problemas e abordagens, sem, entretanto, desconsiderar as questões relevantes de ordem estrutural, as quais podem ser percebidas na idéia de longa duração.

Uma das maiores e perceptíveis mudanças historiográficas foram a expansão dos campos históricos, como as pertinentes ao corpo, às mentalidades, às crianças, aos jovens e às mulheres, por exemplo. Outras mudanças indicavam a fragmentação da disciplina e o esmaecer do projeto de uma história total. Estas transformações também alteraram a concepção de documento e suas críticas.

Outra escola que contribuiu largamente para a transformação historiográfica foi a Escola Marxista com a atuação de nomes também renomados, como Eric Hobsbawm. Algumas dessas mudanças aplicadas pelo marxismo foram o reconhecimento da importância dos elementos culturais, a visão dos vencidos e a história vista de baixo, através da participação das camadas populares nas decisões dos grupos elitistas, o que deu maior centralidade às experiências de camadas sociais mais baixas, as quais antes eram ignoradas, e inspirou novas abordagens.

O Laboratório de Conservação e Restauração de Documentos Antigos (LABRE) foi criado em 25 de julho de 1988 através de um convênio entre a Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) e a Fundação Nacional Pró-Memória. Este convênio tinha como objetivo a restauração de documentos escritos e iconográficos, a assessoria de projetos na área de preservação e a proposição de

atividades que buscassem a restauração de acervos documentais além de tornar os alunos do curso de História capazes no manejo de documentos e nas atividades de pesquisa e também o laboratório proporciona ao aluno de História o aprendizado de uma nova profissão dentro da área histórica, a saber, a restauração. O laboratório sempre esteve vinculado ao Departamento de História da UFRN, ganhando um regimento próprio em 25 de maio de 1998, o qual foi aprovado em plenária daquele departamento. Antes de ser concretizado em 1988, o LABRE surgiu em 1984 através do prof. Cláudio Augusto Pinto Galvão, o qual realizou dois convênios entre a Fundação Nacional Pró-Memória e a UFRN, através da Biblioteca Nacional, e permaneceu no LABRE até 1997 contribuindo com o seu desenvolvimento, saindo devido a sua aposentadoria. Durante esses 22 anos de funcionamento já foi restaurado no LABRE uma ampla documentação pertencente ao IHG-RN, fato que proporcionou uma manutenção da memória através da preservação de documentos sobre o período colonial, o Império e os primeiros anos de República, além de outros periódicos pertencentes a outras instituições.

A UFRN em parceria com a Pró-reitoria de Extensão (ProEx) desenvolveu um projeto de conservação/restauração da coleção do jornal *A Imprensa* nos anos de 1921 e 1925. Esta coleção fica sob responsabilidade do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte (IHGRN), estando, agora, localizada no LABRE, o qual pertence ao Departamento de História (DEH) desta universidade, tendo como coordenadora a docente professora Ms. Maria da Conceição Guilherme Coelho, como instrutora e supervisora a restauradora Evanúcia Gomes de Oliveira e como bolsista a aluna Franciane Monara da Silva Soares.

Esse projeto se faz importante tanto para a pesquisa histórica, por proporcionar um contato direto com as fontes, especificamente os jornais *A Imprensa*, como para o ensino de História, por fazer o futuro professor trabalhar com seus alunos a fonte histórica e aprender a conservá-la. Além disso, há a questão da conservação como um todo, levando-se em consideração o fato da coleção em questão estar em condições de difícil acesso mesmo para o pesquisador. Há ainda outra importância desse projeto: o fato de estar vinculado à manutenção da memória e conservação do patrimônio, posto que a memória, segundo Le Goff, se faz importante para as sociedades desenvolvidas e

em desenvolvimento, para as classes dominantes e dominadas, lutando estas pelo poder, pela vida, sobrevivência e promoção. Sem contar na importância da memória para a história, pois esta é alimentada e feita crescer através da atuação daquela, na medida em que busca salvar o passado para servir o presente e o futuro. Le Goff fala, ainda, da questão da memória coletiva e de seus materiais dentre eles o principal alvo desse projeto: a fonte documental.

Quanto à deterioração existente no suporte esta pode acontecer de várias maneiras, dentre elas anotações com qualquer material, dobras, perda do pigmento, rasgos, ataque de fungos, oxidação de tintas, ferrugem, ataque de insetos e roedores, amarelecimento, poeira, entre outros. Em se tratando de *A Imprensa* foi possível encontrar as seguintes deteriorações: dobras, perda de folhas, perda do suporte, perda do pigmento, rasgos, sujidades, amarelecimento, poeira, esmaecimento e escurecimento.

## **DESENVOLVIMENTO**

Apenas em nível de curiosidade é interessante falar um pouco, antes de detalhar o processo de restauração, sobre as formas de deterioração as quais os documentos estão expostos.

A biodeterioração é algo que vem se fazendo bastante presente nos acervos e arquivos de todo o país e merece uma atenção à parte das pessoas que lidam com restauração e preservação de documentos antigos. Os principais deterioradores são os insetos, roedores e fungos, sem falar no próprio ser humano. Os insetos são comuns, abundantes e resistentes, reproduzindo-se rapidamente e em grande prole. Reparar seus danos é bastante complicado, pois é perigoso utilizar produtos químicos, pois põe em risco o documento em si e a saúde do usuário. Os principais insetos que atacam os documentos são as baratas, traças e cupins. Os roedores surgem nos acervos devido à presença de resíduos alimentares. Os fungos atuam em condições adequadas de temperatura e umidade do ar, através dos esporos, pequenas partículas arredondadas que permanecem por muito tempo até encontrarem um suporte favorável ao seu desenvolvimento. Um único esporo pode ser visível através de um aspecto algodoado e levemente umedecido. Outra forma de deterioração dos documentos dá-se através do

próprio ser humano por não usar corretamente os documentos, especialmente no que diz respeito ao manuseio e acondicionamento inadequado. É certo que, consciente ou inconscientemente, é o próprio homem quem mais destrói o seu patrimônio.

O processo de restauração em documentos é composto de várias etapas e cada uma delas possui vários detalhes, os quais não serão especificados, tendo em vista que esse texto diz respeito apenas ao processo de restauração do periódico *A Imprensa*.

A primeira etapa de um processo de restauração em livros e documentos se divide em várias partes: A) preenchimento das fichas de entrada e diagnóstico; B) numeração e desmembramento do documento; C) limpeza.

É importante serem preenchidas as fichas, pois é com elas que vai ser feito todo o processo de restauração, tendo em vista que o restaurador já terá conhecimento do trabalho a ser feito no documento em questão e sempre que necessário poderá recorrer a estas fichas. Além de, é claro, fazer uma espécie de comparação à fonte da data de sua entrada e de sua saída.

Em seguida é importante numerar as folhas para que se tenha um controle sobre o material a ser tratado. Ao mesmo tempo deve ser feito o desmembramento do material verificando e numerando as partes soltas das folhas.

Por fim a limpeza, a qual é feita com trinchas de cerdas macias e pó de borracha, dependendo do estado do documento. No caso de *A Imprensa* foi utilizado o pó de borracha em pequenas quantidades e movimentos circulares, devendo este pó ser constantemente trocado por um limpo e totalmente retirado no fim da limpeza.

A segunda etapa é o banho aquoso (desacidificação) dos jornais, o que acontece quando o material está muito ácido. Nesse caso as folhas dos jornais foram colocadas entre telas de nylon e colocadas em cubas com água, permanecendo 20 minutos em cada “banho”, sendo o primeiro em água filtrada quente, para abrir as fibras do jornal, o segundo e o terceiro em água fria deionizada, e o último em água também fria acrescida de hidróxido. É válido ressaltar que sempre deve haver um controle do pH do jornal, devendo este estar o quanto mais próximo da neutralidade. Em seguida as folhas do jornal são levadas à secadora, devendo estas permanecer ali até que estejam completamente secas para depois serem reencoladas com uma borrifada de cola metil

celulose, para tornar o suporte mais resistente. Depois os jornais são postos para secar novamente e, aí sim, estão prontos para a fase dos reparos.

Na terceira etapa são feitos os remendos e obturação. A coleção *A Imprensa* tem vários reparos a serem feitos, o que acontece com o auxílio de um bisturi, um pincel, uma régua, cola metil celulose, papel japonês e papel de enxerto.

Primeiramente é necessário colar as tiras que precisarem em um dos lados da folha para, só então, virá-la e colar o papel de enxerto onde precisar, deixando este sempre passando um pouco do rasgo. Depois de colocado o papel de enxerto, retira-se o seu excesso com a ajuda do pincel umedecido de cola e do bisturi. Feito isso, cola-se as tiras de papel japonês no lado inverso da folha. Agora é só retirar o excesso da cola com um crepe, fazer um “sanduíche” – papel mata-borrão, crepe, jornal, crepe, papel mata-borrão – e levar à prensa ou pôr alguns pesos sobre o “sanduíche” para que ele fique plano, evitando deformações, como ondulações e rugas.

A quarta e última etapa do periódico *A Imprensa* é a encadernação, a qual ainda não está em fase de desenvolvimento, pois a coleção ainda não ficou totalmente pronta. Para o desenvolvimento desta última etapa será feita a retirada do excesso dos enxertos e remendos, ordenação das folhas, costura e a aplicação da capa, finalizando com o seu acondicionamento.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Com esse projeto de restauração espera-se que o periódico *A Imprensa*, depois de restaurado possa ser útil na área da pesquisa e também para o ensino de história. Que o futuro professor (a) possa levar a fonte para sala de aula, através da retirada de informações consideradas importantes, digitalização ou mesmo visitas a acervos com seus alunos, como instrumento de pesquisa e ensiná-los a trabalharem com esse tipo de fonte. Pode-se ver também a dificuldade que tem esse tipo de trabalho, estando o indivíduo que o realiza exposto a risco de saúde e devidamente equipados com máscaras e luvas, evitando, especialmente, o contato com olhos e boca. Seria bem mais fácil se todas as pessoas tivessem o devido cuidado ao manusear e armazenar jornais, pois com o tempo as folhas tornam-se ácidas e a fibra se torna mais frágil, aumentando assim o risco de rasgos.

---

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

LE GOFF, Jacques. Memória. In: \_\_\_\_\_. *História e memória*. 3 ed. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1994. p.423-484

LE GOFF, Jacques. Documento/monumento. In: \_\_\_\_\_. *História e memória*. 3 ed. Campinas: Ed. Da UNICAMP, 1994. p.535-553

LUCA, Tania Regina de. Fontes impressas: história dos, nos e por meio dos periódicos. In: \_\_\_\_\_. PINSKY, Carla Bassanezi (org.). *Fontes históricas*. São Paulo: Contexto, 2005. p. 111-153

SPINELLI JÚNIOR, Jayme. Rotinas de conservação. In: \_\_\_\_\_. *A conservação de acervos bibliográficos e documentação*. Rio de Janeiro: Fund. Biblioteca Nacional, 1977. p. 57-75

WEHBE, Elizabeth Pereira. *Biodeterioração*. Rio de Janeiro, 2008. Trabalho apresentado no Treinamento de Conservação de Acervos no Arquivo Nacional.